



65 anos de televisão: o conhecimento do telejornalismo e a função pedagógica

Alfredo Vizeu¹
Laerte Cerqueira²

Resumo: Os manuais de redação revelam que entre as principais características do Telejornalismo está o texto claro, objetivo, preciso, num diálogo permanente com imagens. Entendemos que essa é só parte de um processo de construção da realidade, representação social dela e, conseqüente, compreensão do mundo. Neste trabalho, discorremos sobre a função pedagógica do Jornalismo e o que chamamos de processos didáticos, que são apropriados pelos telejornais para inserir público nas realidades e fornecer conteúdo para vida em comunidade. Com exemplos de reportagens exibidas no Jornal Nacional, da Rede Globo, identificamos que, para isso, recorre-se ao textual, ao imagético, aos recursos gráficos, ao rigor do método de apuração e a união de todos esses elementos. O destino desse material produzido e reproduzido pelos telejornalistas é uma audiência ávida por um conhecimento específico, que a insere no mundo dos fatos.

Palavras-chave: Palavras-Chave: Telejornalismo; Conhecimento; Função Pedagógica.

1. O poder do telejornalismo

Há 65 anos era criada a televisão e nascia com ela o primeiro telejornal do Brasil: *Imagens do Dia*. Com o tempo, o telejornalismo logo ocupou a preferência dos brasileiros e é o principal meio de comunicação do País. 95% dos brasileiros assistem TV regulamente e 74% a veem todos os dias. É o meio de comunicação mais usado pelos brasileiros. A informação é da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PMB), da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom). Foram realizadas 18 mil entrevistas pelo Ibope.

¹ Prof. Dr. Programa de Pós-Graduação PPGCOM/UFPE. Coordenador do Núcleo de Jornalismo e Contemporaneidade do Programa. a.vizeu@yahoo.com.br

² Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Repórter/Apresentador de TV. Pesquisador do Núcleo de Jornalismo e Contemporaneidade da UFPE. Email: laertecerqueira@hotmail.com

O estudo revelou que aumentou a confiança nas notícias. Mas, o que nos chama a atenção neste trabalho é que, apesar de todas as críticas, o telejornalismo continua se mantendo como meio hegemônico de informação jornalística da sociedade. 79% das pessoas assistem televisão para se informar. Ou seja, de alguma forma o noticiário televisivo funciona como uma espécie de lugar de referência (VIZEU, CORRÊA, 2008) para as pessoas saberem o que está ocorrendo no mundo que as cerca. Um “lugar”, para muitos brasileiros, muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. Quando assistimos a um telejornal, em particular, é como se víssemos o mundo, ele está, ele nos vê. Para o bem ou para o mal o Jornalismo contribui para contextualizar e também pode ajudar na compreensão do em torno em sociedades cada vez mais complexas (MELLUCI, 2001).

É dentro deste contexto que desenvolvemos nosso trabalho. Grosso modo, se o telejornalismo, o Jornalismo, contribui para os homens e as mulheres entenderem um pouco mais o cotidiano em que vivem, pode-se propor que ele é uma forma de conhecimento. A questão é que tipo de conhecimento? Como chegamos a ele no telejornalismo? Que processos o constituem? A discussão sobre o conhecimento do jornalismo não é nova, por isso, apresentaremos os olhares de alguns autores para chegarmos à hipótese que estamos elaborando de *conhecimento do desvelamento*. (VIZEU, 2014).

Um dos primeiros pesquisadores a trabalhar o jornalismo como uma forma de conhecimento foi Robert Park (1972). Com base no pensador William James, um dos principais representantes do pragmatismo, movimento filosófico que exerceu profunda influência no pensamento americano durante parte do século XX, existem dois tipos fundamentais de conhecimento: *o conhecimento de* e *o conhecimento acerca de*. O autor explica que o *conhecimento de* é uma espécie de conhecimento que adquirimos no curso dos nossos encontros pessoais e de primeira mão do mundo que nos rodeia. Já o *conhecimento acerca de* é formal. É o conhecimento que atingiu certo grau de precisão e exatidão substituindo a realidade concreta por ideias e as coisas por palavras.

Genro (1987), num interessante trabalho, fundamental para quem quer pensar o jornalismo como uma *forma social de conhecimento*, apesar de reconhecer a contribuição de Park, critica seus pressupostos teóricos afirmando que ele não vai além da função orgânica da notícia e da atividade jornalística. No entender dele, a postura assumida por

Park é redutora porque supõe uma espécie de *sensu comum* isento das contradições internas, cuja função seria somente reproduzir e reforçar as relações sociais vigentes, integrar os indivíduos na sociedade.

Com base no referencial teórico de Genro, Meditsch (1992) argumenta que o conhecimento do jornalismo é diferente do conhecimento da ciência. Enquanto o primeiro é o modo de conhecimento do mundo explicável, o segundo é o modo de conhecimento do mundo sensível. Sponholz (2007) propõe um conhecimento híbrido do Jornalismo que ficaria entre o senso comum e a ciência. Para a autora, o senso comum não se reduz só às ações cotidianas. É uma espécie de conhecimento “naturalizado” determinado fato, certo procedimento é assim porque sempre foi assim, não há porque questioná-lo.

Entendemos que as os conceitos propostos contribuíram e contribuem muito para os estudos e Teorias do Jornalismo, mas ainda é preciso avançar mais na compreensão do Telejornalismo como forma de conhecimento. Para admitirmos que o mundo é uma forma de conhecimento partimos do pressuposto que é possível conhecer. Nesta perspectiva acreditamos que a realidade é constituída por de fatos brutos que independem das crenças, desejos e necessidades e cognitividade dos seres humanos e dos fatos institucionais, que dependem de um jeito ou de outro da intervenção humana (SEARLE, 1997). É nesse contexto que é produzido o fato jornalístico e o jornalismo produz o que vamos denominar, provisoriamente, com base nos estudos de Paulo Freire, de o *conhecimento do desvelamento*, com o objetivo de procurar entender o conhecimento do Jornalismo (VIZEU, 2014, p. 866-870). No entendimento de Freire (1976), é preciso ir mais além do que os simples fatos para compreender a realidade. É a tarefa que diariamente no cotidiano das redações e nas ruas os jornalistas realizam para desvendar os fatos.

Freire (1977) argumenta que não acontece uma ruptura porque a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, continuando a ser curiosidade se criticiza. Continuando a explicação, ele diz que ao se criticizar, tornando-se curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão. A curiosidade metodicamente rigorosa do método cognoscível se torna curiosidade epistemológica, mudando de qualidade, mas não na essência.

É dentro desse quadro que opera o conhecimento do jornalismo. Na produção da notícia, o jornalista trabalha constantemente dentro dessa perspectiva de superação. Não é permitido ao jornalista que seja ingênuo na cobertura dos fatos. A tomada de consciência (FREIRE, 2003) é o ponto de partida da sua atividade. Como é possível dar conta da cobertura dos acontecimentos, da mediação entre eles e a sociedade, se antes de construir a informação não conheço o objeto? É tomando consciência dele que me dou conta do objeto, que é conhecido por mim.

A eficácia da atividade jornalística e o Conhecimento do Jornalismo estão intimamente ligados ao que Freire (1995) colocava como a capacidade de abrir a “alma” da cultura, de aprender a racionalidade da experiência por meio de caminhos múltiplos, deixando-se “molhar, ensopar” das águas culturais e históricas dos indivíduos envolvidos na experiência. É dimensão crítica do conhecimento jornalístico, num imbricamento entre teoria e prática. Há ainda um longo caminho a percorrer sobre *o conhecimento do desvelamento* no telejornalismo. No entanto, alguns fenômenos que apontamos agora constituem e são importantes para a sua constituição objetivam mostrar como estamos construindo este estudo. Observamos que questões fenômenos que havíamos apontado, anteriormente, como operações e operadores (VIZEU, 2005) são na verdade processos complexos de produção. Brevemente, vamos listá-los, dando ênfase neste trabalho, ao processo pedagógico.

Identificamos no Jornalismo cinco processos: atualidade (discurso do presente); objetividade (aproximação da verdade do fato jornalístico); interpelação e audiência interativa (interatividade); leitura (convite à audiência aos vazios deixados nos discursos verbais e não verbais); e processos pedagógicos, para os quais nós abrimos espaço agora.

2. Telejornalismo: a função pedagógica/didática

Qual é o mundo que o telejornalismo representa a cada edição? Nos fragmentos da vida cotidiana, dos fatos políticos, econômicos, científicos ou amenidades quais mecanismos demarcam e o que resultaram a produção desse tipo de conhecimento? O mundo possível, como definiu Alsina (2009). Aquele que cabe em alguns segundos, minutos, arrancado e destacado em meio aos vários momentos da realidade, o mundo real.

Mas que parte de um mundo referenciado, colocado sob a lógica cognoscitiva, única maneira de apresentá-lo como presente e fazê-lo ser entendido.

Para Gomis, os meios de comunicação, entre eles a televisão, oferecem-nos um presente social abrangente, aquele que nos é oferecido no meio da jornada, fazendo-nos comunicar. Segundo ele, graças aos meios, nós vivemos em um mundo e sabemos o que está passando em todas as partes. E ainda graças aos meios, percebemos a realidade não com a fugacidade de um instante e sim como um período consistente e objetivado, com possibilidades de perceber e comentar. (GOMIS, 1991, p.14)

O que os jornalistas fazem diariamente é “organizar o mundo”, procurando torná-lo mais compreensível. Por isso, há uma preocupação pedagógica no jornalismo que se legitima como o lugar de “poder mostrar”, de “poder dizer”, “interpretar”, de “poder analisar”. O jornalismo se autorreferencia como um lugar de mediação, de revelação da verdade e orientação de homens e mulheres na contemporaneidade.

Tuchmann (1980) afirma que o enquadramento das notícias organiza a realidade cotidiana e é parte importante dessa por causa do caráter público, que é uma característica essencial da notícia. Complementa afirmando que a notícia não só define, redefine, constitui e reconstitui significados sociais; mas também define e redefine, constitui e reconstitui maneiras de fazer coisas: os processos existentes e as instituições. E a função pedagógica ocupa um papel central nesse processo. As notícias devem ter a preocupação de contribuir para o entendimento do mundo da vida. Verón (1983) vê o jornalista como um “enunciador pedagógico”, que pré-ordena o universo do discurso visando o leitor, que procura orientar, responder-lhe às questões, em suma informar, sempre guardando uma distância do objetivo dele. Essa função pedagógica é trabalhada, diariamente, pelos jornalistas na redação através de uma operação/construção que denominamos de didática (VIZEU, 2005), (VIZEU e CORREIA, 2006). É resultado de uma série de enquadramentos culturais, das práticas sociais, da cultura profissional, dos constrangimentos organizacionais e do campo da linguagem que os jornalistas mobilizam para produzirem notícias.

Vilches (1989) observa que não se pode esquecer que o telejornal estabelece com o espectador (audiência) uma relação pedagógica, pois ensina como se portar diante do texto televisivo, com que atitude comunicativa e em que condições deve aprender

as características do gênero. Ou seja, operando de uma forma *didática* a notícia faz uma mediação entre os diversos campos de conhecimento e o público. Vejamos um exemplo para deixar mais clara essa preocupação didática. Um locutor diz: “Os médicos ficaram surpresos com o resultado do **exame que registra a atividade linfocitária de um paciente com AIDS**. O exame é feito para medir a capacidade de defesa imunológica de uma pessoa”. (PATERNOSTRO, 1999)

Ao se referir a um exame médico, que não é conhecido pela maioria da audiência, o editor, de uma maneira geral, vai ter a preocupação, ao redigir o texto para o locutor, de explicar para que serve aquele determinado exame. É uma tentativa de fazer com que a mensagem seja compreendida pelo maior número de pessoas.

O texto jornalístico é um espaço habitado, um universo em movimento: “ler” é pôr em movimento esse universo, aceitando-o ou recusando-o, indo à direita ou à esquerda, investindo mais ou menos esforço, fingindo escutar ou escutando. Os jornalistas, de uma maneira geral, têm uma preocupação “didática” com relação à audiência. Isso é trabalhado desde os tempos da universidade até o dia-a-dia da redação. No que diz respeito ao mundo acadêmico, o livro de Paternostro: “O Texto na TV: Manual de Telejornalismo”, adotado pela maioria dos cursos de jornalismo do Brasil, é um exemplo disso. No capítulo que trata do texto coloquial, a autora diz que a tevê tem a obrigação de respeitar o telespectador e transmitir a informação em uma linguagem coloquial e correta. Ela explica que quem assiste ao telejornal só ouve o texto uma vez, por isso deve ser capaz de captá-lo, processá-lo e retê-lo instantaneamente. Não há uma segunda chance.

“Se o telespectador se desligar, não há desculpas: o erro foi nosso. Quanto mais as palavras (ou o texto como um todo) forem ‘familiares’ ao telespectador, maior será o grau de comunicação. As palavras e as estruturas das frases devem estar o mais próximo possível de uma conversa. Devemos usar palavras simples e fortes, elegantes e bonitas, apropriadas ao significado e à circunstância da história que queremos contar” (PATERNOSTRO, 1999, p.78-85).

A autora, experiente profissional da Rede Globo de Televisão, onde trabalhou como editora, editora-chefe de um jornal de Rede e chefe de redação da Globo News, canal de notícias da tevê paga, hoje na função de assessora da direção da empresa, sabe bem do que está falando. Atualmente ela é a responsável pela Gerência de Desenvolvi-

mento de Jornalistas da Globo. O “Manual de Telejornalismo da Rede Globo” assume um “ar professoral” ao explicar como o telespectador, a audiência deve ser tratada:

“Um dos grandes desafios do telejornalismo é a ‘tradução’ de informações técnicas, a apresentação de pacotes econômicos, a decifração de termos financeiros, etc. Tanto o repórter – na hora de colher as informações – como o redator, na hora de escrever o *off*, a cabeça da matéria deve ser humilde o suficiente para perguntar, pesquisar e simplificar (...) É preferível sermos tachados de *professorais* por uma elite de escolarização a não sermos entendidos por uma massa enorme de telespectadores comuns” (MANUAL DA GLOBO DE TELEJORNALISMO, 1986, p.23-24).

Dezesseis anos depois, o “Novo Manual de Telejornalismo da Rede Globo” (2001) não foge muito das recomendações do primeiro na sua preocupação com a audiência. Segundo o manual, toda informação deve ser precisa, cada imagem ou cada palavra escolhida criteriosamente, sob pena de distorcer os fatos e confundir o telespectador:

“A nossa honestidade e ética podem ser involuntariamente comprometidas por imprecisões que levem ao telespectador a nos confundir com praticantes de um jornalismo tendencioso e irresponsável...” (NOVO MANUAL DE TELEJORNALISMO DA REDE GLOBO, no prelo).

3. Processos didáticos

Como exemplo desse processo pedagógico e ações didáticas, observamos como Jornal Nacional, o telejornal mais popular do país e líder de audiência no Brasil, trabalhou na construção de algumas reportagens veiculadas entre os dias 23 de dezembro de 2014 e 13 de janeiro de 2015, período no qual estavam sendo veiculadas reportagens sobre a reforma ministerial e as mudanças econômicas do governo federal. Reportagens de política e economia, geralmente, sob a responsabilidade de especialistas, que recebem um tratamento especial porque têm na sua natureza termos, expressões e conteúdo de conhecimento específico e precisa de uma “tradução” para chegar a um grande público, um público diverso e heterogêneo, que é imaginado como consumidor desta informação.

Fizemos uma análise enunciativa (GOMES, 2013, p.86) de vídeos de reportagens que estão disponíveis na internet, mas que foram exibidas originalmente na televisão aberta. Nas matérias, observamos os rastros de sentido que o jornalista deixa no tex-

to e na sua conseqüente relação com a imagem, para contribuir com a produção de um conhecimento acessível ao telespectador. Assim, acreditamos identificar ações didáticas no que chamamos de processo pedagógico do jornalismo, que se materializa na repetição das formas textuais, na relação com o imagético e com os grafismos.

Em matéria veiculada pelo JN, dia 23/12/2014, por exemplo, a presidente Dilma Rousseff anuncia 13 novos nomes que vão compor os ministérios. Na cabeça, parte da reportagem em que o apresentador chama a material, é dito que ela fez o anúncio, mas, segundo o ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso, o Ministério Público não poderia fornecer informações, como a presidente queria, para evitar a indicação de políticos investigados na Operação Lava Jato³ (investiga corrupção na Petrobras). O *off*, parte da reportagem em que o repórter lê texto escrito por ele, coberto por imagens, começa com a seguinte frase: “A presidente abriu o Palácio da Alvorada para uma festa de confraternização com parlamentares governistas e os atuais ministros”.



(Figuras 1 e 2) Carros oficiais chegam à residência da presidente, em Brasília, mostrando como começou e foi o clima em um encontro no Palácio do Planalto, antes do anúncio da saída e chegada de velhos e novos ministros. Clima de confraternização e despedida.

Esta parte do texto se enquadra no que chamamos de *processo didático de ambientação*. Ou seja, nessa operação a imagem pode ou não seguir a risca o que está sendo dito, mas o diálogo entre eles é suficiente para fazer com que o telespectador seja introduzido ao ambiente, entenda o clima do momento que a reportagem tenta descrever. Nesse caso, é uma frase que, se retirada da reportagem não afetará o objetivo da matéria, que é anunciar os nomes dos ministros, mas tê-lo ajuda o telespectador entender que mesmo sendo a despedida de alguns ministros, não é um momento de conflito, revolta e sim de confraternização. Neste caso, uma imagem mostra vários carros oficiais

³ Acesso à reportagem e texto em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/12/dilma-rousseff-anuncia-os-13-nomes-que-va-compo-o-novo-ministerio.html>

chegando à residência da presidente, outra de longe, que identifica um grande salão, com várias pessoas reunidas, em pé, aparentemente numa conversa informal. A reportagem continua dizendo que para muitos foi um dia de despedida, já que não vão seguir nos cargos no segundo mandato de Dilma. Na sequência temos: “A definição está sendo feita mesmo sem contar com a colaboração do procurador-geral da República. Nesta segunda-feira, Dilma Rousseff disse que antes de confirmar quem vai para os ministérios iria consultar Rodrigo Janot sobre políticos com envolvimento no esquema de corrupção”. Nessa parte do texto, temos o que chamamos de *processo didático de contextualização*. Ao afirmar que a definição dos novos ministros está sendo feita sem ajuda do procurador-geral, o repórter precisa explicar o motivo e, para isso, retoma, por meio do discurso indireto, uma fala dita no dia anterior pela presidente. A imagem, resgatada do dia anterior, ajuda na compreensão porque mostra a presidente no momento que falou a frase resgatada pelo repórter. Sem esse “regate” de texto imagem, o telespectador teria dificuldade de entender porque que Dilma queria contar com a colaboração de Janot.

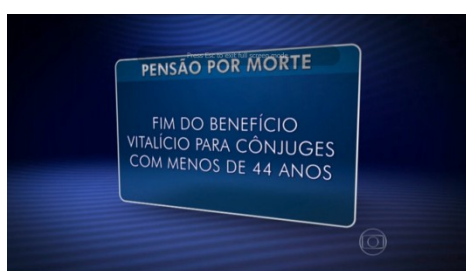
Logo na sequência do texto descrito acima, temos uma fala da presidente Dilma. A sonora, como se chama na televisão o recorte feito na entrevista para composição de uma matéria, diz o seguinte: **“Eu vou perguntar o seguinte: ‘Há alguma coisa contra fulano que me impeça de nomeá-lo?’. Só isso que vou perguntar. Não quero saber o resto, porque ele não pode me dizer”**. Nesse momento se materializa o que chamamos de *processo didático de complementaridade*. Ou seja, a fala não só ratifica o que o repórter disse no discurso indireto, mas complementa. Artificio no telejornalismo para ganhar tempo introduzir a fala de alguém para complementar uma afirmação, esse mecanismo também mantém um ritmo interessante na reportagem porque evita quebras, explicações que dispersem o telespectador e amarra de maneira uníssona o texto do repórter e a fala do personagem. Geralmente, esse tipo de mecanismo é operado na ilha de edição, quando na narração do repórter há um ponto de corte que facilite a união, ou quando o texto é feito com a entrevista decupada (fala transcrita). O mesmo mecanismo de *complementaridade* é usado na sequência, quando com a palavra “mas”, o repórter complementa, dialoga mais uma vez com a sonora. Repórter: **“Mas** o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, informou que Rodrigo Janot não pode passar nenhuma informação para a presidente”. A palavra, que traz o sentido adversativo, revela a contrarie-

dade, introduz a resposta negativa do ministro da Justiça às inquietações e expectativas de Dilma, registradas na própria fala.

Nesse mesmo texto, também identificamos o que chamamos de *processo didático de reforço*. Vejamos parte *off*: “A presidente Dilma Rousseff anunciou que o PMDB vai ganhar mais um ministério. Hoje o partido tem cinco e **vai passar a ter seis**. Para o Ministério de Minas e Energia, irá o senador Eduardo Braga, atual líder do governo no Senado”. Nesse caso, na frase em negrito observamos que é só um reforço do que já foi dito. Se o PMDB vai ganhar mais um ministério e tem cinco, é óbvio que terá seis. Por que, então, a nova frase “vai passar a ter seis”. Nesse tipo de situação, para evitar o telespectador precise, na instantaneidade do momento, precise fazer conta, mesmo simples. O resultado é revelado de maneira mais evidente possível, mesmo correndo o risco da repetição de ideia, redundância. Em outra parte do *off*, com a listas de ministros escolhidos temos: “A presidente Dilma Rousseff **ainda** anunciou os nomes de outros sete ministros. Para a Controladoria-Geral da União, vai Valdir Simão, de perfil técnico. Ele entra no lugar de Jorge Age...”. Nesse caso, destacamos a palavra “ainda” porque, ela funciona como ferramenta de concretização do que chamamos de processo didático que chamamos de *de pausa/continuidade*. Ele é usado, geralmente, quando é precisa fazer uma lista longa de elementos, nomes, objetos. Talvez pareça uma simples palavra no meio do texto, mas no caso da televisão, veículo caracterizado pela facilidade de dispersão, o mecanismo é um espécie de organizador do relato para manter o receptor atento. Introduz uma rápida pausa na lista anterior e abre espaço para apresentar novos elementos. O objetivo é também tornar a descrição mais pedagógica, professoral e facilitar a absorção daqueles nomes ou em outros casos de uma nova ideia. Ainda na produção do texto, observamos outros recursos usados pelos jornalistas para dar um tom professoral quando se apropria do discurso de outro campo do conhecimento. Em reportagem exibida na edição do dia 30 de dezembro de 2014, sobre as novas regras de benefícios previdenciários e trabalhistas, que vão reduzir gastos em quase R\$ 20 bilhões⁴, foi preciso recorrer ao que chamamos de *processo didático de exemplificação*. A ferramenta é usada para fazer com que a informação anterior ao aparecimento do mecanismo seja mais detalha-

⁴ Acesso à reportagem e texto em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/12/novas-regra-de-beneficios-vai-reduzir-gastos-em-quase-r-20-bilhoes.html>

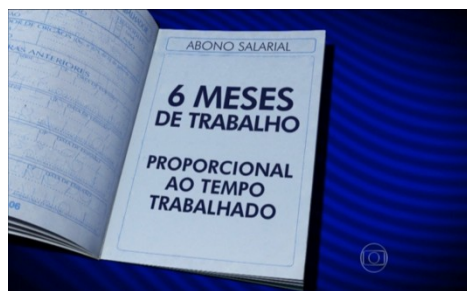
da, com um exemplo mais próximo da realidade do telespectador. É uma tentativa de mostrar como as regras, leis, determinações etc. vão ser aplicadas na realidade cotidiana. Em dos trechos da reportagem que elenca quais serão as novas normas, o texto diz: “O Tribunal de Contas da União vem identificando irregularidades e falhas nos cadastros de beneficiários como pagamentos indevidos ou em duplicidade e valores incorretos. O próprio governo aponta distorções na concessão desses benefícios. **Como por exemplo, a quantidade de viúvas jovens recebendo pensão por morte até o fim da vida. São concedidas quase 50 mil novas pensões por ano a viúvas com menos de 44 anos.** Observamos que para tornar dar mais clareza sobre os pagamentos indevidos e distorções, o jornalista de maneira didática, inclusive com o uso de conectivos linguísticos, a exemplo de “como por exemplo”, “por exemplo” ou é o “caso de”. Na mesma reportagem, encontramos outro exemplo. Ao dizer que a partir daquela data o cônjuge, companheiro ou companheira com menos de 44 anos de idade terá o benefício por tempo determinado, com variação de três a 15 anos, dependendo da idade, com diminuição do valor da pensão, os jornalistas que construíram o texto foram em busca de exemplos do cotidiano, que podem ser uma “simulação” a partir das informações ou até com o uso de uma personagem real que se enquadre a descrição.



(Figuras 3 e 4) Sequência de artes usadas para mostrar quais são as novas regras para aposentadoria e pensão e para ilustrar a simulação de um caso que poderia ser real, de uma mulher com dois filhos. A arte e a história simulada substituem um possível personagem.

O texto diz: “**Por exemplo, uma viúva de 30 anos, com dois filhos menores, vai receber 50% do valor da pensão. Ela e cada dependente terão direito a mais 10% do valor do benefício. A pensão será paga a ela por nove anos, de acordo com a faixa etária. Ao fim desse período, ela deixa de receber os 10%. O restante continua a ser pago, mas para os filhos**”. Nesta reportagem, o texto que exemplifica é reescrito em formato de tópicos sobre uma arte, com a marca da Previdência Social.

No caso da reportagem veiculada dia 29/12/2014, na qual o governo anunciou o aumento do rigor na concessão de benefícios sociais, foi usado o que chamamos de processo didático de *descrição em arte*.⁵ Agora, fora da operação que é feita na linguagem, observamos um recurso é usado com cada vez com mais frequência em reportagens em que a quantidade de informações técnicas é muito grande, mas é essencial que elas sejam dadas. Com dificuldade de explicar determinados assuntos, com inevitável inserção de números, prazos e regras editores dos telejornais recorrem cada vez mais ao departamento de arte para inserir artes animadas ou não, com parte do texto que está sendo descrito pelo repórter. São resumos de ideias e frases, em tópicos, que entram na tela no mesmo momento da narração do repórter. O mecanismo se assemelha a uma leitura acompanhada feita pelo telespectador, que pode auxiliá-lo mais facilmente na compreensão. Visto que ao mesmo tempo visão e audição estão sendo acionados e pode facilitar o entendimento do telespectador. O recurso é usado em vários trechos da reportagem, entre eles, esse que diz que “O seguro-desemprego só será pago após um ano e meio seguido de trabalho e não mais após seis meses. Na segunda solicitação, a exigência de tempo trabalhado cai para 12 meses e na terceira, seis meses”. Também foi usado o mecanismo, mas com outra arte, ou base, o momento em que a repórter diz como um dependente recebe a pensão por morte.

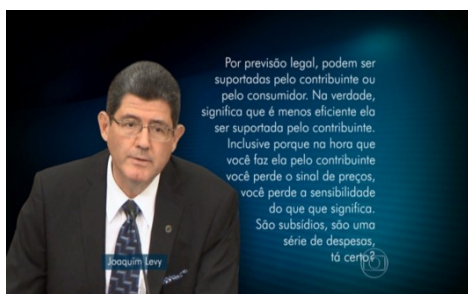


(Figura 5) Regras são descritas em arte, com tópicos que resumem o *off* do repórter. Frases ditas com pausa necessária para aparecimento em sincronia do texto.

Na mesma linha de operação didática na edição, aparece o mecanismo de *transcrição de fala*. Foi o que aconteceu na notícia veiculada dia Edição do dia 13/01/2015,

⁵ Acesso à reportagem e ao texto em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/12/governo-anuncia-aumento-do-rigor-na-concessao-de-beneficios-sociais.html>

quando o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, fez declarações sobre os repasses do Tesouro Nacional não fará às distribuidoras de energia⁶.



(Figura 6) Fala do Ministro da Fazenda, Joaquim Levy. Sem a imagem da entrevista, fala é transcrita. O texto aparece à medida que as palavras são ditas.

As declarações foram dadas em câmeras a um grupo de jornalistas. Mas como a informação era considerada importante pelo telejornal, a falta de imagens em movimento ou entrevista em vídeo, não impediu a transformação do que foi dito conhecimento para o público. A fala do ministro foi transcrita para uma tela com uma foto dele. Ao mesmo tempo em que ele falava, o texto era inserido na tela, como se estivesse sendo escrito naquele momento. Se imagens em movimento, toda a atenção se voltou para a informação dita por ele, que, naquele caso era também de conteúdo denso. O ministro disse que o Tesouro Nacional não vai mais fazer repasses às distribuidoras de energia este ano. Ele avaliou que para o equilíbrio das contas públicas é melhor que os custos extras fiquem com o consumidor, sem a necessidade, por exemplo, de aumentar impostos.

4. Indo ao Off

Nas reportagens analisadas, vimos como os processos didáticos se materializam no texto das reportagens e, um pouco, da sua formação na relação com imagem e recursos gráficos. Por trás do aparecimento dessas ferramentas de construção da realidade e da produção de conhecimento para o telespectador, supomos que há um desejo/necessidade dos jornalistas de fazer com que o que é dito seja entendido claramente, sem ruídos e num fluxo contínuo. Na observação apresentada, elencamos e iniciamos uma conceituação dos processos didáticos de *ambientação*, *contextualização*, *complementaridade*, *pausa/continuidade*, *exemplificação* e *descrição em arte*. Acreditamos que há bem

⁶ Acesse vídeo e texto em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/01/tesouro-nacional-nao-fara-repasses-distribuidoras-de-energia-diz-ministro.html>

mais, como o de *argumentação, explicação e comparação*. Será um caminho e uma busca da nossa pesquisa.

Há muito a fazer para entender, ainda no processo de construção, e não apenas com o produto pronto, como se dá o aparecimento desses processos, que dão força a nossa hipótese de que o jornalismo está cada vez mais didático na resignificação, buscando se aproximar da linguagem falada, da coloquial, com a utilização dos vários tipos recursos gráficos, visuais ou por meio do diálogo de todos esses materializadores das mensagens telejornalísticas. O telejornalismo consegue esse feito de mexer com as pessoas, completando espaços vazios de suas consciências de mundo, reformando conceitos experimentados e ouvidos, desconstruindo e remexendo o baú de nossas lembranças de vida, porque coloca diante de nós questionamentos sobre nossas crenças e verdades naturalizadas, ou seja, nos coloca diante de um conhecimento. Acostado na conclusão de Ekström (2002), o jornalismo é, em suas várias formas, claramente, a mais influente instituição produtora de conhecimento do nosso tempo.

Renderings of reality are produced and published day in and day out, with unparalleled penetration. People obtain knowledge of the world outside their immediate experience largely from mass media, where journalistic content predominates. Journalistic ways of depicting reality, journalists' models and modus operandi also influence other social institutions. (EKSTRÖM, 2002, p. 2)

Como lugar de referência e segurança na vida de muitas pessoas, o telejornalismo é procurado para, e dele também se exige, a entrega, de maneira fácil e acessível, o “conteúdo” produzido em várias áreas, campos de conhecimento, em vários mundos. Estudar como os seus agentes, os jornalistas, caminham cada vez mais para o didatismo na construção da mensagem, nos permite entender mais sobre essa prática social, institucionalizada, coletiva e que precisa cada vez mais de bases teóricas para fortalecermos a tese que jornalismo não se faz apenas com intuição e senso comum, contribui para o homem compreender o mundo. As pesquisas que estamos desenvolvendo procuram mostrar que o telejornalismo pode contribuir de uma forma didática para o aperfeiçoamento democrático. Temos claro que ela hoje reforça fortemente o *status quo*, mas nada impede que, através dos estudos que estamos desenvolvendo, estudos de outros pesquisado-

res e dos movimentos sociais, possamos contribuir de alguma forma para a mudança deste quadro.

5. Referências bibliográficas

- ALSINA, Miguel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- DUARTE, J. e BARROS, A. (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2 ° ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- EKSTRÖM, M. **Epistemologies of TV journalism- A theoretical framework**. London: Sage Publications, 2002.
- FREIRE, P. **Ação, cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro : Paz e Terra.
- FREIRE, P. **Cartas a Cristina**. Bauru: Unesp, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P. **Educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A mensagem de Paulo Freire: textos de Paulo Freire selecionados pelo NO-DEP**. São Paulo, Nova Crítica, 1977.
- FREIRE, P. 1976. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio : Paz e Terra.
- GENRO, A. **O segredo da pirâmide**. Porto Alegre: Tchê, 1977.
- GOMES, R. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, M., DESLANDS, S.F. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GOMIS, L. **Teoria del periodismo – Cómo de forma el presente**. Barcelona: Paidós, 1991.
- MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis, Ed. UFSC, 1992.
- MELUCCI, A. **A invenção do presente: movimento sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PARK, R. **A notícia como forma de conhecimento**. In: Steinberg- Meios de comunicação de massa. São Paulo, Cultrix, 1972.
- PATERNOSTRO, V.I. **O texto na TV**. Rio de Janeiro: Editorial Elsevier, 2006.
- SEARLE, J. R. **La construcción de la realidad social**. Barcelona : Paidós, 1997.
- SPONHOLZ, L. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: para além do espelho e das construções**. Florianópolis: Série Jornalismo a rigor, Insular, 2009.
- TAMBOSI, O. **Jornalismo e teorias da verdade**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 30, n. I, p. 35-48, jan-jun. 2007.
- TEMER, A.C. **Desconstruindo o telejornal: um método para ver além da melange informativa**. In: Vizeu, A., Porcello, F. e Coutinho, I. Telejornalismo em questão. Florianópolis: Editora Insular, 2014.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo – porque as notícias são como são**. Vol 1. Florianópolis: Editora Insular, 2005.
- TRAVANCAS, I. **O Mundo dos Jornalistas**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.
- TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Gilli, 1983.
- VILCHES, L. **Manipulación de la información televisiva**. Barcelona : Paidós, 1989.
- VIZEU, A. **Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 860-877, setembro-dezembro 2014.

_____. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica.** Revista Famecos, Porto Alegre, nº 40, dezembro de 2009, quadrimestral.

_____. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência.** In: A sociedade do telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **O lado oculto do telejornalismo.** Florianópolis: Editora Calandra, 2005.